



## LITERATURA, RELIGIÃO E CLARICE LISPECTOR



### RESUMO

Este trabalho pretende fazer um levantamento da discussão crítica empreendida a respeito da obra de Clarice Lispector, apresentando um amplo panorama que busca destacar como a temática religiosa vem sendo abordada pela crítica e, até que ponto, tem merecido atenção entre seus principais estudiosos.

Palavras-chave: Literatura; Religião; Clarice Lispector.

### 1. INTRODUÇÃO

Aguenta eu te dizer que Deus não é bonito.  
E isto porque Ele não é nem um resultado  
nem uma conclusão, e tudo o que a gente acha  
bonito é às vezes apenas porque já está concluído.  
Mas o que hoje é feio será daqui a séculos  
visto como beleza, porque terá completado  
um de seus movimentos.  
Clarice Lispector

Apesar do grande fascínio que o tema religioso exerce na contemporaneidade, os estudos sobre a obra de Clarice Lispector ainda não se renderam completamente a esta vertente de pesquisa. De fato, a relação entre Literatura e Religião é, ainda, pouco explorada no meio acadêmico brasileiro se comparada com abordagens outras. No caso de Clarice Lispector, diríamos que as aproximações realizadas com a Religião se fazem, ainda, de formas episódicas.

De uma maneira geral e a respeito de outros autores além de Clarice Lispector, entre as publicações sobre o tema no Brasil, dez anos atrás, verificam-se textos

---

\* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora Titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

isolados e poucos títulos específicos. Já nestes últimos anos, é possível notar um aumento cada vez maior deste tipo de abordagem, surgindo de vários centros acadêmicos. O fato é que o diálogo entre Literatura e Religião vem avançando dentro dos estudos literários e Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Adélia Prado, Murilo Mendes, entre outros escritores, por exemplo, já tiveram suas obras exploradas a partir desse referencial.

No âmbito da América Latina, teólogos da Argentina e do Chile, concentrados em Universidades Católicas, evidenciam a liberdade das pesquisas realizadas e a preocupação em eliminar preconceitos acadêmicos que ainda não reconhecem a temática como linha teórica de valor. Na conferência de abertura do *2º Colóquio Latinoamericano de Literatura y Teología* realizado em Santiago, em outubro de 2008, o Prof. Dr. Georg Langenhorst (catedrático de Teologia na Universidade de Augsburg, Alemanha) admitiu que ainda pisamos terreno minado e que precisamos aprender a lidar com o eminente preconceito que a temática ainda desperta.

No Brasil, alguns nomes se destacam pela relevância de seus trabalhos, tendo no teólogo Antonio Manzatto um grande referencial. Em seu texto de 2010, “Pequeno panorama de teologia e literatura”,<sup>1</sup> o estudioso faz uma breve e importante reflexão sobre os diferentes métodos de abordagem que se tem adotado na academia – tanto na América Latina quanto em outras regiões como a Europa, por exemplo. O texto de Manzatto é categórico ao apontar a importância do crescimento dos estudos que colocam em diálogo Literatura e Religião e propõe que a metodologia adotada pelo pesquisador deve ser não só definida como também situada.

Dividindo os estudos em três blocos, Manzatto irá afirmar:

O primeiro bloco seria aquele constituído por métodos ‘antigos’ de abordagem, os que procuram dentro da obra literária os elementos da teologia que ali estão presentes, trabalhados pelo autor, praticamente, de forma ‘teológica’. (...) Tal forma de procedimento, embora existente, não respeita a literatura em sua especificidade e faz com que se tome o literato por teólogo, combatendo sua teologia ou a assumindo como ‘interessante’. (MANZATTO, 2011, p. 92).

Manzatto defende que é preciso respeitar as diferenças entre literatura e teologia ao aproximá-las. E continua definindo:

<sup>1</sup> Publicado no livro *Teologia e arte* pela editora Paulinas, em 2011.

O segundo bloco seria constituído por métodos derivados do pensamento de Kuschel. A título de exemplo apresentamos (...) a teopoética (...) mais indefinida quanto ao seu conteúdo programático e forma própria de abordagem, oscila entre a afirmação estética e o estudo interpretativo; ora relaciona teologia e literatura, ora trabalha segundo os princípios da literatura comparada, relacionando e comparando elementos de literatura e teologia. (MANZATTO, 2011, p. 94).

Cabe mencionar aqui que foi o teólogo Karl-Josef Kuschel quem introduziu, nos estudos sobre Literatura e Teologia, o termo Teopoética. O seu livro, publicado em 1991, *Os escritores e as escrituras: retratos teológicos-literários* e traduzido no Brasil em 1998, divulgou o termo no meio acadêmico brasileiro. A Teopoética define um campo de estudos onde a principal motivação é revelar os possíveis retratos literários de Deus.

Ao contrário do primeiro bloco de estudos, esse segundo bloco respeita as diferenças entre Literatura e Teologia. Manzatto sublinha: “Kuschel mesmo afirma que é preciso que a literatura seja tomada em toda a sua densidade, para que se afaste a ideia de torná-la ‘serva’ da teologia ou de confissões religiosas”. (MANZATTO, 2011, p. 93)

Sobre o terceiro bloco de estudos, onde se autoinsere, Manzatto explica:

Trata-se do bloco de métodos que querem contemplar o desafio teológico em sentido estrito, pensando conteúdos da fé a partir do horizonte literário propriamente dito. E por isso debruçam-se mesmo sobre obras e autores confessadamente não religiosos e não teológicos e que não podem, pois, ter uma ‘aplicação direta’ para a teologia. Torna-se muito mais interessante o procedimento, porque a teologia vai encontrar-se com algo ‘diferente de si mesma’, o que vai exigir-lhe não apenas capacidade de diálogo, mas disposição de reler-se e reelaborar-se. (MANZATTO, 2011, p. 95).

As diferenças estabelecidas por Manzatto entre os métodos referem-se, principalmente, ao olhar do pesquisador que pode se dar de maneira mais teológica ou mais literária. Ele ainda aponta de relevante que, nos dias de hoje, é possível verificar certo cuidado por parte dos pesquisadores debruçados neste tipo de pesquisa, uma vez que correm o risco de sustentar o estudo podendo pesar mais para Teologia ou mais para as Letras a partir da sua perspectiva de formação. Deste modo, para ele, é importante que as áreas entrem em contato de maneira cada vez

mais insistente para que os confrontos se realizem e possam estabelecer um campo de diálogo ainda mais amplo.

Manzatto lembra ainda, em seu texto, alguns grupos presentes na academia brasileira e como a relação é recente no país tendo seu marco significativo no ano de 1994 – com o seu estudo sobre Jorge Amado: *Teologia e Literatura – Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*.

Ainda que acabe por excluir outros pequenos grupos ou nomes que vêm realizando algum trabalho sobre o tema – uma vez que é um texto curto –, Manzatto mostra que há um evidente desejo de interação e diálogo. Os estudos que antes se realizavam apenas nas esferas da Literatura ou da Teologia hoje se cruzam, se contemplam e completam.

Embora não sejam citados por Manzatto, é possível encontrar de forma tímida algumas publicações esparsas no Brasil, como é o caso do estudo *Érico Veríssimo e o problema de Deus* de Malori José Pompermayer, publicado no ano de 1968. É fato que os últimos dez anos acompanharam um aumento significativo de pesquisas no tema, em que nomes como Antonio Magalhães, José Carlos Barcellos, Salma Ferraz, Eliana Yunes e Maria Clara Bingemer tornaram-se referenciais. Em 1996, Heloisa Vilhena de Araújo publicou uma obra de fôlego sobre *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, intitulado *O roteiro de Deus*. Em 2000, Antônio Magalhães apresentou um diálogo entre Literatura e Teologia na edição *Deus no espelho das palavras*, publicada pela editora Paulinas e reeditada e ampliada no ano de 2009. No ano seguinte, José Carlos Barcellos tornou público seu estudo sobre Julien Green: *Literatura e Espiritualidade*. Seguiram-se as publicações *As faces de Deus na obra de um ateu*, de Salma Ferraz e *Literatura e Religião*, de Maria Teresa Carvalho, publicadas em 2003 e 2004, respectivamente. Isso para nos atermos apenas aos estudos de brasileiros, embora nem todos sobre brasileiros, já que as duas últimas críticas debruçaram-se sobre a literatura portuguesa, por exemplo.

Salma Ferraz (em seu livro acima citado) aponta que os estudos voltados para os textos que citam intertextualmente a Bíblia, assim como análises literárias da Bíblia, têm uma certa recorrência na produção teórica literária. Camões, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Machado de Assis, Gil Vicente, Eça de Queirós entre outros clássicos – para citar apenas as literaturas portuguesa e brasileira – têm sido explorados no que se convencionou chamar de *diálogos*.

O diálogo entre Literatura e Religião se faz para perceber e definir as condições possíveis para uma reflexão teológica que parta, essencialmente, da literatura. Essas condições, como irá afirmar Antonio Manzatto em seu estudo sobre Jorge Amado (1994, p. 11), devem ser aplicáveis à literatura em geral e não apenas à já estabelecida literatura cristã. Tendência que muitos pesquisadores acabam por seguir quando exploram obras de ficção, como acontece com as leituras realizadas sobre a obra de Adélia Prado, por exemplo. Entende-se aqui por literatura cristã o tipo de produção focada na evangelização ou manutenção de uma crença, ainda que sua produção alterne-se entre obras de ficção como os romances ou relatos pessoais. Essa literatura acaba por ser produzida basicamente pelos membros eclesiais de um grupo ou por formadores de opinião.

A literatura de ficção não depende de Deus para existir; ela está fora Dele, criando suas próprias leis e sua própria forma. A distinção entre ambas, como irá afirmar Manzatto (1994, p. 13), permitiu a criação do que se pode chamar de literatura cristã – a do crente, da Igreja, de Deus e da fé – da literatura pagã ou secular – que não se preocupa diretamente com as coisas da religião, podendo até mesmo ignorá-las ou desprezá-las.

A revisão teórica que será apresentada neste artigo partiu da necessidade de reunir todo o material em que é realizado algum tipo de análise ou estudo sobre Religião na ficção de Clarice Lispector, partindo desde os primeiros apontamentos até pesquisas mais recentes. Assim, tanto a questão da epifania, investigada e apontada por vários críticos, quanto a presença judaica, por exemplo, se mostraram importantes para nortear e validar nosso levantamento teórico.

## **2. OS PRIMEIROS CRÍTICOS E OS PRIMEIROS TRAÇOS DE UMA QUESTÃO EPIFÂNICA**

É de Olga de Sá um dos estudos mais completos a respeito do emprego do termo epifania aplicado à obra de Clarice Lispector e este estudo é datado de 1979.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Ressaltamos que o pioneiro desta discussão é Benedito Nunes – que será citado adiante. Mas é Olga quem realiza, a nosso ver, a mais completa revisão desta temática dentro da crítica clariceana até aquela data.

No livro, a pesquisadora traça um apanhado geral remontando ao ano de 1944, pretendendo reunir o que a crítica falou sobre a obra de Clarice e, dentro desta perspectiva, de que forma esta crítica contribuiu para analisar a escrita da autora e a inserção do termo epifania em suas obras.

Ainda que a escritora tenha sido comparada a James Joyce e Virginia Woolf<sup>3</sup> nos primeiros ensaios críticos sobre *Perto do coração selvagem*, a ideia de epifania só irá aparecer diretamente relacionada ao seu nome no ensaio de Benedito Nunes, de 1973, quando este emprega o termo “descortínio religioso” – considerado por Sá como equivalente à epifania.

Mas Olga de Sá irá demonstrar que, mesmo antes dessa data, os comentários dirigidos aos livros da autora já apontavam para o uso deste termo, ou seja, a epifania na obra de Clarice já estaria evidente em seu primeiro livro, ainda que o nome não lhe tenha sido atribuído no princípio.

Um dos primeiros críticos de Clarice, Álvaro Lins (1963), não usa o termo diretamente, mas Sá vai afirmar que Lins dele se aproxima ao perceber na obra clariceana uma certa apresentação da realidade com um caráter de sonho. O crítico compara Clarice a Woolf e Joyce. Porém, seu texto preocupa-se muito mais em indicar na escritora brasileira influência daqueles do que para lhe confirmar o mérito ou a inovação da linguagem. Enquanto ele considera o capítulo “O banho” de *Perto do coração selvagem* como o de maior desgosto da obra, Olga de Sá percebe no mesmo capítulo uma das mais significativas epifanias do livro.

Já sobre Sérgio Milliet (1946), Sá afirma que o crítico se aproxima muito do conceito de epifania quando relaciona a obra de Clarice a um estilo à beira do desmaio, do êxtase ou como revelação informe de uma coisa essencial que de repente se fixa.

Roberto Schwarz (1959) define a obra de Clarice como feita de brilhos, um romance estrelado afirmando que, não fosse a capacidade da autora, seria uma obra caótica. Olga de Sá questiona se esses brilhos não seriam na verdade os instantes de iluminação tão próprios do processo epifânico. Com o retorno aos textos críticos, Sá demonstra que, até o final da década de 1950, a crítica ainda não se utilizava do termo, mas dele já não se afastava mais.

---

<sup>3</sup> Escritores cujos livros já haviam sido estudados a partir desta perspectiva.

Massaud Moisés (1970) refere-se ao “instante existencial”, em que as personagens clariceanas jogam seus destinos, evidenciando-se “por uma súbita revelação interior que dura um segundo fugaz como a iluminação instantânea de um farol nas trevas e que, por isso mesmo, recusa ser apreendida pela palavra” (MOISÉS apud SÁ, 2000, p. 165). Em síntese, é o momento pleno em que a realidade se descortina (termo que irá reaparecer em Nunes, em 1973).

Com seu apanhado detalhista, Sá vai demonstrando que a crítica se encaminha para uma leitura mais filosófica da obra de Clarice; as percepções já não são mais reducionistas, não se fala mais em “influência joyciana” pura e simplesmente. A escritora é vista como um caso singular na literatura e sua obra exige dos críticos um apurado olhar despido de preconceitos ou expectativas; não se trata mais, enfim, de uma literatura previsível.

Indagação ontológica ou ficção metafísica, os nomes foram se alternando. Os críticos estavam diante de uma mulher cujo fazer literário não podia ser mais ignorado; contudo, a crítica literária anda não dava conta de definir ou nomear.

Ainda em 1970, Luis Costa Lima irá perceber elementos gerais da epifania, sem nomeá-la, e como fizera Lins na década de 1940, definirá esses mesmos elementos como um dos aspectos falhos dos textos de Clarice.

De acordo com Olga, o crítico que melhor dará conta dos estudos da epifania é Benedito Nunes, pioneiro na abordagem metafísica e filosófica e também uma das grandes referências nos estudos clariceanos sobre a autora. Nunes é quem se utiliza de termos como “descortínio religioso” ao lado de epifania, reiterando que em seus textos o pequeno se agiganta de forma a fazer sucumbir a existência do eu.

No mesmo ano, Affonso Romano de Sant’Anna, em seu livro *Análise estrutural de romances brasileiros*, também irá falar em epifania. Para Sá, este estudo foi essencial para tornar claro o uso que até então era feito do termo dentro da obra de Clarice.

O que nos interessa neste apanhado é que Olga pretende mostrar como o termo epifania, extrapolando sua origem religiosa, desenvolve-se como técnica literária na obra de Clarice, contribuindo, desta forma, para matizar os acontecimentos cotidianos e transfigurá-los em efetiva descoberta do real. E, na sombra de sua análise, outros estudiosos de Clarice retomarão o termo sempre despreendendo dele seu viés religioso. Epifania tornou-se, sem sombra de dúvidas,

um termo comum nos estudos sobre a obra da autora. Embora Sá seja quem mais explore o termo, é Nunes quem irá trabalhá-lo na vivência e nas experiências das personagens clariceanas.

Depois de publicar *Uma leitura de Clarice Lispector*, em 1973, Nunes explora e amplia a discussão anterior em *O drama da linguagem*, livros referenciais para os pesquisadores do tema. O que nos parece interessante é que muitos estudiosos da época e alguns mais recentes tendem a ignorar a origem religiosa do termo. Assim, fala-se muito em epifania, glória, êxtase, dentro de uma vivência extremamente individual por parte das personagens.

Nunes faz uma elucidativa amostragem de partes de vários textos (tanto romances quanto contos) em que às personagens é revelada uma existência superior e conflitual, mas em constante evolução. Chegando mesmo a citar em alguns momentos de seu estudo o papel importante de Deus na conversão de alguns personagens como Martim e G.H.. Buscando no existencialismo – sendo, inclusive, um dos primeiros a realizar essa aproximação em Clarice – a lógica estrutural das narrativas da autora, acaba também por analisar algo de extrema importância em sua obra: a questão do silêncio a que os personagens são submetidos durante seus processos epifânicos. Essa mesma questão será explorada por Berta Waldman em seu livro *Entre passos e rastros, um estudo sobre o judaísmo na literatura de alguns escritores*. Em virtude da rica contribuição que o estudo de Berta traz para a questão religiosa em Clarice, iremos explorá-lo no tópico seguinte.

O foco principal da análise de Nunes acaba girando ao redor de *A maçã no escuro*, *A paixão segundo G.H.* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, sendo que o penúltimo será mais explorado na publicação especial feita para a coleção Archivos (1997), em que o pesquisador reunirá outros estudiosos e agregará ainda elucidativas informações sobre a obra.

No geral, fala-se muito em metamorfose interior e espiritual pela qual passam Martim, G.H. e Lori, possibilitadas por agentes externos como, por exemplo, um pequeno incidente doméstico ou a convivência com um outro. O desnudamento da alma das personagens, a náusea a que são submetidas frente a esse desnudamento, o sacrifício a que são expostas, o senso de descoberta e os momentos de silêncio e angústia são características constantes que Nunes percebe



na obra de Clarice. A experiência de descortínio diante da vida e do eu é evidente em seus textos e gera sempre um processo de transformação interior via ruptura e solidão, aspectos próprios que o pesquisador define como "via mística".

A atenção do pesquisador fica voltada para o plano da linguagem e o quanto este referencial é importante, e não circunstancial, nos livros de Clarice. O foco de sua análise se faz a partir da transformação gerada nas personagens, num plano existencialista de análise, em que realidade se descortina frente a um olhar desesperado de um eu que não foi preparado para aquela operação. Nunes chega a citar, em alguns momentos, a participação de uma divindade que protagoniza certos movimentos das personagens e afirma, sobre o livro *A maçã no escuro*, a forte presença de uma linha

nitidamente romântica, que a associação de crime e rebeldia imprime ao traçado desse itinerário, [que] complica-se com a dialética da vida espiritual presente no romance, e que assume, concorrendo com a sanção no momento do desfecho, a forma de súbita conversão religiosa do protagonista, que parece ver no seu ato de violência um artil irônico de Deus, em função de insondáveis desígnios.

Assim podemos caracterizar uma segunda linha da ação, já de caráter místico, que vem juntar à imagem da revolta romântica – estampada na figura de Martim, rebelde e criminoso jeito herói – a imagem de uma peregrinação da alma – estampada tanto na primeira como na terceira partes do romance, nas principais peripécias do engenheiro, que ora agindo às cegas, ora julgando obedecer à sua vontade própria, segue, sem o saber, através de rodeios que o expõem a múltiplos perigos, um caminho que se destinava a levá-lo de volta a si mesmo. (NUNES, 1995, p. 41).

Assim, evidencia-se que Nunes estudou a temática religiosa em alguns livros da autora, só não a explorou dentro da perspectiva que aqui propomos, ainda que tenha contribuído de forma decisiva para que pudéssemos traçar nosso itinerário.

### **3. BERTA WALDMAN E O JUDAÍSMO SILENCIADO DE UM DEUS ENCALACRADO**

No ano de 2003, a pesquisadora Berta Waldman publicou um estudo sobre vários escritores, analisando a presença da questão judaica em suas respectivas literaturas. As primeiras páginas de seu livro exploram a escrita de Clarice e a

estudiosa circula por vários livros, não mantendo o foco em nenhum de maneira específica, mas propondo uma visão geral de alguns textos.

Dentro dos estudos acadêmicos é este, talvez, o que mais se inclina para a questão explícita de Deus na obra de Clarice, apontando, principalmente, o importante papel que Ele ganha em sua ficção.

A presença do judaísmo nos textos de Clarice, de acordo com Berta, se dá de maneira arredia e muitas vezes inconsciente, em resultado da delicada situação social a que a escritora estava exposta, não podendo, muitas vezes, assumir sua filiação judaica. Essa recusa social acaba por refletir na obra e a respeito deste fato Berta vai lembrar sobre Clarice que

é curioso mencionar, a partir da fala de Lispector em resposta a uma entrevista já citada (“Sou judia, você sabe, [...] Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto”), que a autora alude diretamente à sua origem, mas faz um giro tal na construção da frase, que acaba se desvencilhando da primeira afirmação. Essa operação sugere que talvez a forma de Clarice Lispector operar com seu judaísmo é tentando se desenlaçar dele. Curiosamente, seus textos têm a marca dessa mesma operação, deixando-se mover por deslocamentos. Dubitativa e errática, sua linguagem busca aproximar-se da nebulosidade do que não tem nome, do que não pode ser representado, o que a obriga a retomar, a retornar, perfazendo o movimento tão familiar aos comentaristas exegetas das Escrituras enlaçados no vazio e na impronunciabilidade do nome de Deus. (WALDMAN, 2003, p. 28-29).

Embora o foco de Berta seja a questão judaica, ela irá afirmar que a questão cristã (própria da formação social do Brasil) é também latente em seus livros através de constantes referências e citações à Bíblia. E isso se deve ao fato, de acordo com a pesquisadora, de Clarice tentar, também via literatura, se situar no quadro particular das experiências religiosas brasileiras, marcado pelo sincretismo.

É quando analisa o conto “Perdoando Deus” que a pesquisadora levanta aspectos extremamente importantes a respeito da questão religiosa na obra de Clarice, afirmando que

o conto “Perdoando Deus” pode servir de apólogo para a análise do lugar de Deus no texto de Clarice Lispector. A alusão à divindade é um dos centros conexos dos textos da escritora, embora seu interesse não esteja na busca do estabelecimento de doutrinas nem de práticas religiosas, mas na captação de suas ressonâncias deflagradas a partir de cenas cotidianas, onde experiências

vivenciadas por personagens ganham valor de rito sagrado. (WALDMAN, 2003, p. 47).

Neste conto (também publicado em forma de crônica), a narradora realiza um dos maiores confrontos da literatura de Clarice entre personagem e Deus. Passeando pelas ruas da cidade e encantada com o universo ao seu redor, a narradora passa a discorrer reflexões afetuosas sobre Deus e sobre o mundo, até que quase pisa em um rato morto. A partir deste momento, sua ira contra Deus é tão intensa que ela começa a insultá-Lo, chamando-O, entre outras coisas, de grosseiro e bruto. E de maneira intensa a personagem trava um discurso interno a respeito de si mesma e de Deus e, principalmente, decide revelar ao mundo o que lhe aconteceu para criar nos outros, contra Ele, a mesma reação de desgosto e desgosto que estava vivenciando. Em outras palavras, o que ela pretende é mostrar ao mundo o que viu: que Deus não é bom. E seu discurso vai se construindo num emaranhado de afirmações e ponderações sobre o divino e o que ela conclui é: “enquanto eu inventar Deus, Ele não existe” (LISPECTOR, 1999, p. 314).

O movimento realizado por esta personagem se assemelha e muito à experiência de Deus na obra *Uma paixão segundo G.H.*; inclusive entendemos que é nestes dois textos que Clarice realiza um exercício linguístico bem singular ao fazer referência a Deus como “o Deus”.

Sobre este processo lingüístico, Berta irá afirmar que

no ritual da protagonista, o movimento toma uma direção contrária: ela assimila-se à matéria viva, onde localiza a vida divina, negando a ideia de Deus enquanto ser pessoal e transcendente, e a ideia do humano como ser a caminho da transcendência. A partir daí, Deus é referido como o Deus, passando de nome próprio a comum, equivalendo à força do impessoal. Há um vetor descendente que reinterpreta a visão de Deus, situando-o no mesmo plano que a matéria viva, tirando dele a promessa de salvação e de esperança projetadas no futuro, próprias do cristianismo. (WALDMAN, 2003, p. 50).

Ao apontar este conto na análise e retomar outros romances já citados, Berta irá mostrar como se dá a organização dos textos de Clarice em relação à questão religiosa, afirmando inclusive que a escritora junta o cristianismo, o judaísmo e as religiões afro-brasileiras, concluindo que não só o título dos seus livros como o conteúdo de seus textos justificam uma análise de sua literatura pelo viés religioso.

Ainda na análise sobre o conto, a pesquisadora irá afirmar que tanto Deus quanto a sua revelação na obra de Clarice não são mais do que ponto de partida para uma “peregrinação semântica espiralar, ascendente e inconclusa” sendo, a revelação “o esboço de uma doutrina plenamente configurada” (WALDMAN, 2003, p. 51).

No final do estudo, Berta irá afirmar que Clarice utiliza os diferentes registros das religiões nas quais circula para estruturar sua narrativa ao mesmo tempo em que rebate e desloca os princípios destas mesmas religiões, fazendo com que as tradições religiosas apareçam pelo avesso (WALDMAN, 2003, p. 58). A respeito dessa afirmação, Berta irá explicar que o religioso aparece pelo avesso na obra de Clarice por alguns motivos:

(...) a escritora identifica nas religiões sistemas simbólicos de maior ou menor circulação no Brasil, o que implica, ao trazê-los para a estruturação do romance, poder contar com contextos comuns de experiências humanas, nas quais ela se inclui. (...) interessa à autora reavaliar as certeza religiosas e teológicas submetendo-as à prova de uma realidade que as faz vacilar. (...) lhe interessa promover o choque entre o desejo de eternidade e a consciência aguda da precariedade do mundo e das coisas. (...) a religião consiste principalmente em dar sentido às coisas, ao passo que o romance desestabiliza os sentidos, colocando em novo esquadro personagem, linguagem e Deus. (WALDMAN, 2003, p. 58).

Concordamos com a pesquisadora que, em alguns momentos, Clarice coloca a religião comparecendo pelo avesso. E, nos momentos epifânicos, as personagens vivenciam uma experiência de Deus que coloca também, ao avesso, suas próprias existências.

#### 4. DOIS CRÍTICOS E RASTOS DE UMA RELIGIÃO

Que será de ti, ó Deus, quando eu morrer?  
 Sou teu cântaro (quando eu me quebrar);  
 .....  
 Comigo e em mim se perderá o teu sentido  
 Que será de ti, ó Deus? Sinto-me inquieto.  
 Rilke

No ano de 1989, as pesquisadoras Berta Waldman e Vilma Áreas reuniram vários trabalhos sobre Clarice Lispector em uma edição especial da Revista *Remate de Males*, do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP. Dos vários estudos ali publicados, alternando grandes nomes da crítica brasileira com nomes da crítica internacional, dois artigos em particular nos chamam a atenção. O texto de Plínio Prado Jr. intitulado “O impronunciável: notas sobre um fracasso sublime” e o ensaio “Clarice Lispector: o itinerário da paixão”, de José Américo Motta Pessanha.

Foi com o filósofo José Américo Pessanha que vimos pela primeira vez um estudo mais específico sobre a questão de Deus na obra de Clarice, e talvez, excetuando os já citados textos de Benedito Nunes, também o mais antigo. Este ensaio foi escrito em 1965, republicado na revista da UNICAMP em 1989 e recentemente acrescentado à edição dos *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles, na edição dupla sobre Clarice Lispector (2004).

A apresentação de Pessanha indica que os referenciais apresentados por ele são datados e talvez sejam uma simples reflexão, o que tiraria, a seu ver, a importância do texto. Ele mesmo define seu ensaio como uma “experiência amorosa” de caráter mais pessoal do que crítico, justificando a abordagem inédita que realiza. Embora o texto se construa de maneira um tanto prolixa, onde as ideias são mais expostas do que exploradas, Pessanha aponta destinos que poderiam muito bem ser desenvolvidos nos estudos sobre Clarice e, entre eles, um de grande valor para nós: a marca de religiosidade presente em seus livros. O pesquisador circula entre os vários tipos de textos publicados pela autora até o ano de 1965; sendo assim, analisa esta marca de religiosidade tanto nos romances como, por exemplo, *A paixão segundo G.H.*, como em textos de caráter mais biográfico e, portanto, mais pessoal, como quando analisa passagens de *A legião estrangeira*.

Aproximando os textos da escritora às obras filosóficas, Pessanha ensaia passos possíveis de uma leitura de caráter religioso. Entre suas assertivas mais interessantes, podemos apontar a afirmação dele de que haveria traços de uma linguagem religiosa, por exemplo, em *A maçã no escuro* e em *A paixão segundo G.H.*, porque

(...) a forma religiosa da linguagem é porém outro disfarce. (...) O que não é de estranhar numa obra toda feita da superposição de disfarces – do mesmo modo como a realidade espiritual que ela

indica: feita de negações e de negações de negações. Assim: como obra de filosofia. (PESSANHA, 1989, p. 195).

Para ele, é a palavra quem realiza e possibilita o percurso religioso em Clarice, e não só a palavra enquanto objeto da literatura da escritora, mas a palavra enquanto fala dos próprios personagens. A negação estaria, portanto, presente tanto em Martim quanto em G.H.

Já o trabalho de Plínio Prado Jr., menos extenso e por isso mais objetivo, discursiva questões religiosas que também irão reaparecer nas análises de Berta Waldman. Entre elas, ele propõe que há em seus textos a presença de um *Deus absconditus* por causa da impronunciabilidade de seu nome. Porém, Plínio levantou uma questão de todo polêmica ao afirmar que esse Deus que se torna outro em sua obra está longe de apresentar uma revelação ou uma epifania do divino na escritura de Clarice. Para ele, o texto da escritora apresentaria muito mais uma experiência mística falida.

A questão da negação, da experiência inversa realizada pelas personagens claricianas acaba por se estender à temática da transgressão, da exploração do que é feio, da “antítese da arte” (PRADO JR, 1989, p. 27). E o restante de seu trabalho termina explorando a estética do não belo presente nos textos da escritora, abandonando a discussão sobre a polêmica levantada por ele em relação à falência da experiência mística nos livros da autora.

## 5. BENJAMIN MOSER E A NOVA BIOGRAFIA: DEUS NÃO É MAIS UMA VÍRGULA

E Deus se liquefaz enfim em chuva?  
Clarice Lispector

Porque desempenha também o papel de biógrafo de Clarice, o americano Benjamin Moser não irá distanciar a presença de Deus nos livros da autora de sua formação familiar e religiosa. Tanto que, em seu livro *Clarice vírgula*, publicado no Brasil no ano de 2009, o biógrafo irá apontar inclusive a importância geográfica para uma formação essencialmente mística da escritora. No levantamento de dados que faz para a biografia que apresenta, Moser lembra que a Ucrânia Ocidental produziu

grandes místicos judeus e que até mesmo a sua população cristã apresentou-se mais frenética religiosamente falando do que o habitual.

Mas é quando relembra o que falam de Clarice que Moser apresenta dados relevantes. Ainda que a escritora negasse uma formação religiosa, como fez em carta para o amigo Érico Veríssimo ao dizer que não seguia nenhuma religião<sup>4</sup>, outros amigos próximos não desvinculam a escritora de uma constante preocupação com Deus e assuntos espirituais. Moser cita:

‘Os olhos’, escreveu uma amiga de Clarice Lispector, ‘tinham o brilho baço dos místicos’. ‘É que sou mística’, disse ela a um entrevistador. ‘Não tenho religião, porque não gosto de liturgia, de ritual. O crítico do Le Monde, de Paris, disse que eu lembro Santa Teresa d’Ávila e San Juan de la Cruz, autores aliás que não li. Alceu Amoroso Lima... Uma vez telefonei para ele pedindo para vê-lo. Ele disse: Eu sei, você quer conversar sobre Deus’.” (MOSER, 2009, p. 32).

É no capítulo de sua biografia intitulado “Deus agita as águas” que Moser irá se debruçar de maneira mais focada na questão religiosa dentro da obra da escritora. Antes disso, irá lembrar a importância que a geração modernista dos anos 1920 e 1930 teve ao explorar religião em seus romances. O biógrafo cita alguns escritores e entre eles um dos melhores amigos de Clarice, Lúcio Cardoso. Ao lembrar este romancista mineiro, Moser propõe que tanto ele quanto a escritora possuíram um importante papel dentro da literatura brasileira ao falar de Deus e com Deus.

E talvez o sincretismo religioso que iremos encontrar na obra de Clarice venha deste balaio cultural e religioso ao que a escritora foi exposta durante toda a sua vida: filha de judeus e amiga de católicos, como Lúcio Cardoso. A rejeição de Deus seria talvez fruto dessa filiação judaica que foi indiscutivelmente motivo maior de sua vinda para o Brasil: “Vendo o sofrimento, o exílio e a labuta não recompensada de seus pais, era fácil para Clarice Lispector rejeitar Deus, ou, no mínimo, sentir-se rejeitada pelo Deus que se afastara de sua família e de seu povo” (MOSER, 2009, p. 164).

---

<sup>4</sup> “7 de setembro de 1956 [...] Prezados Sr. e Sra. E. Veríssimo, Como é do conhecimento dos senhores, meu marido e eu, não tendo infelizmente religião (por enquanto), criamos nossos filhos na ideia de Deus, mas sem lhes dar rituais definitivos, e à espera de que eles próprios mais tarde se definam” (LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.)

E se rejeitou Deus na vida, como reflexo de uma vida de rejeições, sua obra talvez tenha sido o lugar que encontrou para justificar, explicar e compreender essa rejeição. Deus se afastou de Clarice na vida para Clarice se aproximar Dele na obra.

Moser irá afirmar que é na obra *A maçã no escuro* que a questão de Deus mais se faz presente quase como um reencontro entre Clarice com o Deus que a abandonara na infância. E é, para o pesquisador, neste livro que a questão judaica se apresenta como uma transgressão por parte da escritora, colocando até mesmo passagens que indiretamente representariam a opressão e perseguição sofrida pelos judeus. Em outras palavras, para o biógrafo, a história de Martim se apresenta como se fosse uma parábola judaica. Mas a questão que Moser irá levantar que em muito se aproxima dos questionamentos de outros teóricos da escritora, como Nunes e Sá, é: até que ponto a questão judaica não teria na obra de Clarice uma inclusão deliberada? (MOSER, 2009, p. 330). Ali mesmo ele responde ao buscar o quadro biográfico: de acordo com uma de suas irmãs, apesar de não frequentar sinagogas, Clarice se mantinha leitora fiel de uma boa quantidade de literatura cabalística e, ao que tudo indica, muito mais religiosa do que veio a confirmar ou aceitar em diversas entrevistas<sup>5</sup>. Ou seja, o biógrafo sustenta que Deus em Clarice não é um acidente literário, uma passagem aleatória ou um pormenor circunstancial. É, na verdade, fruto de sua vida e de sua história (literária e social).

Toda obra literária cria seu próprio mundo não sendo, portanto, uma cópia da realidade. Esta frase é constante nos livros didáticos que se propõem uma introdução aos estudos da literatura. Sendo assim, a arte deveria se bastar, ainda que busque na realidade referências ou apropriações. O mundo dos livros de Clarice Lispector é repleto de personagens femininas que, angustiadas e estimuladas por reflexões intimistas, questionam não só a realidade que as cerca como também a própria realidade. Nesta linha de questionamentos, nascem reflexões sobre o estar no mundo, sobre a figura feminina e sobre outros temas discutidos intensamente por pesquisadores que se debruçam sobre o universo clariceano. Nestes estudos, é constante a discussão em torno da experiência mística de suas personagens e da consciência da transcendência e, principalmente, da constante epifania que

---

<sup>5</sup> Por diversas vezes, Clarice negou ser praticamente de qualquer tipo de religião. Tanto em cartas – como é possível verificar no trecho da carta enviada para Érico Veríssimo e esposa – quanto em entrevistas.



vivenciam estas mulheres. É claro, portanto, que esta perspectiva não pode ser ignorada por estudos que se pretendam realizar sobre seus livros.

Antonio Manzatto, em seu estudo *Teologia e Literatura*, irá afirmar que um texto sempre ultrapassa a intenção de seu autor e, por isso, para este estudioso, independente da formação de um autor, uma obra literária pode receber uma leitura religiosa. Em outras palavras, mesmo que um escritor não demonstre qualquer tipo de vínculo ou interesse pela religião, a partir da maneira como ele explora o humano em seus textos é possível fazer-se um estudo religioso de sua literatura (MANZATTO, 1994, p. 72).

Moser, ainda em sua análise sobre *A maçã no escuro*, irá afirmar que no livro se realiza uma clara alegoria com a criação bíblica e que, além de ser a história da criação de um homem é, também, a história de como esse homem cria Deus, apontando ainda que no livro da autora Deus desaparece em alguns momentos (MOSER, 2009, p. 332).

## 6. NO LIMAR DE UMA NOVA ABORDAGEM: EM CLARICE, DEUS EXISTE ou CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre um personagem que uma vez comecei a descrever e que afinal nem sequer cheguei a deixá-lo fazer parte de um romance: 'O que ele realmente e profundamente era, não era visível nem perceptível. [...] Ele mesmo, apesar de não poder se negar, no entanto não se provava nem a si nem aos outros. O que ele realmente era não era passível de prova. O único modo de saberem de sua vida mais real e mais profunda seria acreditar: por um ato de fé admitir essa coisa de que jamais provavelmente teriam a certeza, senão crendo.  
Clarice Lispector

Em relação à obra de Clarice Lispector, Benedito Nunes também caminhou por essas veredas e em diversos textos apontou referências bíblicas na tessitura textual de Clarice Lispector. E Tânia Dias, em sua dissertação de Mestrado<sup>6</sup> defendida no ano de 2007 na UFMG, se aprofundou neste tema, tomando como

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-6Z5E8N> (último acesso em 24 de maio de 2011).

referencial a obra *A paixão segundo G.H.*, dando continuidade aos primeiros passos propostos por Nunes e alguns outros pesquisadores. Tânia irá, inclusive, ressaltar a importância deste tipo de estudo, apontando que nem mesmos os críticos judaicos se ocuparam muito nesta discussão.

É recente também o artigo de Maria José Ribeiro, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> na Universidade de Blumenau, intitulado “Deus, alteridade máxima na obra de Clarice Lispector”<sup>7</sup>. Trata-se de um artigo de cinco páginas apresentado no III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. Neste texto, Ribeiro parte do relacionamento das personagens de Clarice com Deus, considerando Deus como o Outro. Seu foco será *A hora da estrela* e *Um sopro de vida (pulsações)*. Ribeiro irá ainda apontar que no livro *Um sopro de vida (pulsações)* a presença de Deus é constante, porém variada, apresentando-se primeiro através de uma reza sem Deus, seguida de uma negação de Sua existência, para finalizar com a comunhão, a entrega total e a aceitação da morte. O texto de Ribeiro acaba contornando a obra *A hora da estrela* e, ao final, quanto retorna a *Um sopro de vida (pulsações)*, mantém sua análise na figura de Ângela para compará-la à Macabéa. Embora breve, o artigo de Maria José Ribeiro serve como importante documento para atestar a relevância da discussão sobre Religião em Clarice.

Nota-se, sobremaneira, que a preocupação de buscar e discutir a questão religiosa em Clarice é atual. Compreendemos que os diálogos estabelecidos entre Literatura e Religião estão se tornando menos isolados e cada vez mais valorizados.

E porque ao citar Moser nos sentimos um pouco mais encorajados para falar de vida e obra, resta-nos encerrar esse levantamento crítico recordando um chiste sobre a misteriosa escritora: quando *O Lustre* foi publicado, o escritor católico Alceu Amoroso Lima, usando pseudônimo, escreveu um ensaio introdutório para a edição afirmando que no livro havia “a mais completa ausência de Deus”. Trinta e um anos depois, quando publicou *A hora da estrela*, Clarice enviou um exemplar autografado para ele e escreveu na dedicatória: “Eu sei que Deus existe” (grifo da autora).

## Literatura, Religi3n y Clarice Lispector

<sup>7</sup> Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST4/003%20-%20Maria%20Jose%20Ribeiro.pdf> (último acesso em 24 de maio de 2011).

## RESUMEN

Este trabalho pretende fazer un relevamiento de la discusión crítica emprendida acerca de la obra de Clarice Lispector, presentando un amplio panorama que busca destacar cómo la temática religiosa ha sido abordada por la crítica y, hasta qué punto, viene mereciendo atención entre sus principales estudiosos.

**Palabras clave:** Literatura; Religión, Clarice Lispector.

## REFERÊNCIAS

ARÊAS, Vilma. WALDMAN, Berta. (org). **Remate de Males**. n. 9. Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, 1989.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e espiritualidade.:** uma leitura de *Jeunes Années* de Julien Green. Bauru: EDUSC, 2001.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector:** esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1970.

CARVALHO, Maria Teresa. **Literatura e religião:** três momentos de aproveitamento do Novo Testamento na literatura portuguesa. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

FERRAZ, Salma. **As faces de Deus na obra de um ateu – José Saramago**. Juiz de Fora, Blumenau: UFJF, Edifurb, 2003.

GOTLIB, Nadia Battella. **Clarice – uma vida que se conta**. 6. ed. ver. e aum. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

JORDÃO, Tânia Dias. **A paixão segundo G.H. de Clarice Lispector: transtextualidade bíblica**. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

KUSCHEL, Karl-Josef. **Os escritores e as escrituras:** retratos teólogo-literários. São Paulo: Loyola, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Lustre**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **Um sopro de vida (pulsações)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Paulinas, 2009.

MANZATTO, Antonio. **Teologia e literatura: Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado**. São Paulo: Loyola, 1994.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NUNES, Benedito. (coord). **A paixão segundo G.H. edição crítica**. Coleção Archivos. Madrid; Paris; México, Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, 1997.

NUNES, Benedito. **O mundo de Clarice Lispector**. Amazonas: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.

\_\_\_\_\_. **O dorso do tigre**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

POMPERMAYER, Malori J. **Érico Veríssimo e o problema de Deus**. São Paulo: Louola, 1968.

RIBEIRO, Maria José. **Deus: alteridade máxima na obra de Clarice Lispector**. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-6Z5E8N>. Acesso em: 24 de maio de 2011.

SÁ, Olga de. **Clarice Lispector: a travessia do oposto**. São Paulo: Annablume, 1993.

\_\_\_\_\_. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros**. Petrópolis: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. A paixão segundo G.H.: o ritual epifânico do texto. In: **O que fazer de Ezra Pound**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2003.

\_\_\_\_\_. **Por um novo conceito de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.

VELASCO, Juan Martin. *Las variedades de la experiencia religiosa*. In: DOU, Alberto (et al). **Experiência Religiosa**. Madrid: Publicaciones de La Universidade Pontifica Comillas Madrid, 1989.

WALDMAN, Berta. **Clarice Lispector** – A paixão segundo C.L.. 2 ed. ver. e ampl. São Paulo: Editora Escuta, 1992.

\_\_\_\_\_. **Entre passos e rastros:** presença judaica na literatura brasileira e contemporânea. São Paulo: Perspectivas: FAPESP: Associação Universidade de Cultura Judaica, 2003.